



## ENTRE ABSTRAÇÕES OU PRÁTICAS: ONDE SE INSERE A TEORIA DO/SOBRE O TURISMO?

### BETWEEN ABSTRACTIONS OR PRACTICES: WHERE IS THE THEORY OF / ABOUT TOURISM?

Luiz Felipe Mendes Oliveira<sup>1</sup>

#### Resumo

A complexidade social do fenômeno turístico é refletida na compreensão do mesmo pelos seus agentes e grupos de interesse, inserindo-se entre divergências e convergências no âmbito social, acadêmico e mercadológico. Dada a urgência por uma construção científica crítica que promova um conhecimento amplo e profundo sobre o turismo, discute-se neste artigo a existência de uma teoria do turismo, partindo do pressuposto que a indagação da problemática traz consigo um caminho para a reflexão sobre o conjunto de tentativas de explicações que se somam as noções de turismo difundidas em diferentes setores da sociedade. Trata-se de uma pesquisa exploratória analítica de revisão bibliográfica. O estudo apresenta um levantamento do estado da arte sobre a teorização do turismo, identificando as principais abordagens e propositivas dos primeiros autores à atualidade. Constata-se que não há uma teoria balizar sobre o fenômeno que tenha se estabilizado como uma teoria geral, chegado ao consenso entre os estudiosos e respondido aos fundamentos epistêmicos da área. Contudo, as discussões feitas vêm contribuindo para o amadurecimento da compreensão científica do turismo.

**Palavras-chave:** Teoria; Ciência; Turismo, Modelos teóricos.

#### Abstract

The social complexity of the tourism phenomenon is reflected in the understanding of the phenomenon by its agents and interest groups, inserting itself among divergences and convergences in the social, academic and marketing spheres. Given the urgency of a critical scientific construction that promotes a broad and deep knowledge about tourism, this article aims to discuss the existence of a theory of tourism. Based on the assumption that the questioning of the problem brings with it a path to reflect on the range of attempts to explain the notions of tourism diffused in different sectors of society. This research is based on an analytical exploratory bibliography review. The study presents a survey of the state of the art on tourism theorizing, identifying the main approaches and propositions from the first authors to the present time. It was found that there is no stabilized theory about the phenomenon which has been accepted as a general one, reaching an agreement amongst the scholars and answering to the epistemological foundations of the academic field. However, the discussions have contributed to the maturation of the scientific understanding of tourism.

**Keywords:** Theory, Science, Tourism, Theoretical models.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Graduado em Gestão do Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo (2016). E-mail: luizfelipe@usp.br

## 1. INTRODUÇÃO

A emergência da construção teórica sobre o turismo está evidente na sociedade e em estudos que discutem o caminho de sua constituição científica. Panosso Netto e Nechar (2014) identificam alguns dos autores que nas últimas décadas se debruçaram a tratar da epistemologia do turismo, sendo eles, Leiper, Comic, Centeno, Spode, Tribe, Beni, Phillimore e Goodson, Panosso Netto, Castillo Nechar, Lozano Cortés, Ateljevic, Pritchard, Morgan, Darbellay e Stock.

Seria, contudo, um equívoco deprender que as discussões acerca do conhecimento do turismo sejam recentes. Barreto (2003) e Panosso Netto (2015) já identificaram as primeiras correntes de estudo do turismo no ocidente, os primeiros autores que se dedicaram ao tema remontam às escolas austríacas e berlinesa do turismo, representadas por Hermann von Schullern zu Schattenhofen (1911) e Robert Glucksmann (1929), respectivamente.

As investigações refletem a vastidão do tema e as formulações e reflexões acerca da epistemologia do turismo partem de questões que carregam em seu teor questionamentos como “o que é o turismo?“, “quais são as bases do seu conhecimento e como o é produzido?“. Segundo Nechar e Panosso Netto (2010, p. 15) o tema é vasto e “permanece indeterminado a pesar de los escasos esfuerzos que al respecto se han realizado por clasificarlo, orientarlo y normarlo”.

Segundo Gastal (2004), no Brasil, ou mesmo para além das fronteiras nacionais (...)

(...) alguns pesquisadores têm se dedicado a construir essa delicada teia que reúne objeto, metodologia e um acúmulo teórico, permitindo que o “tema” passe a ser encarado como área teórica com especificidades e com pretensões a avanços na construção do que pode ser denominado como uma Ciência.

Ao mesmo tempo o conhecimento científico e seu entendimento não são neutros e a linha entre teoria e prática na ciência é tênue. Faz-se necessário entender que a ciência não está eximida dos conflitos, tensões e demandas e seus consensos podem ser tão complexos quanto a própria compreensão de turismo como campo e atividade. Assim, identifica-se que o caminho da construção do turismo como disciplina científica demarcada pelo seu “mapa e fronteira de

estudos” – palavras cunhadas por Tribe (1977) – tem seus passos traçados no mesmo trajeto ao da ciência no seu percurso histórico.

É nesse conjunto de influências entre a ciência e o conhecimento turístico que se desencadeiam as discussões deste artigo. O objetivo deste estudo, portanto, é debater sobre “as teorias do turismo”, buscando responder em que situação se encontra a existência e consolidação do conhecimento turístico.

Para tanto, revisita-se os conceitos de teoria e ciência, discute-se as implicações em meio as noções vigentes sobre o turismo e identifica-se as principais definições e propostas de modelos teóricos sobre o tema. Compreende-se como pesquisa exploratória na realização de um estudo com o intuito de inteirar-se sobre o objeto pelo processo da investigação. Expressa-se como características da pesquisa exploratória a familiarização e descoberta das relações existentes sobre o fenômeno (Gil, 2008). Com relação ao aspecto analítico, desenvolveu-se a pesquisa das informações disponíveis na tentativa de explicar o contexto em que se se encontra as teorizações sobre o objeto de estudo. Portanto, avaliou-se criticamente a produção acerca do conhecimento científico em turismo, realizando-se uma integração da literatura publicada. Vale-se da revisão e análise crítica de bibliografia como premissa metodológica. A revisão de literatura (Boni e Quaresma, 2005) (Veal, 2011) que norteou a pesquisa foi feita por meio de um levantamento de trabalhos científicos sobre o tema em questão, apresentando as principais correntes epistemológicas, modelos e teorias existentes.

## **2. TEORIA E CIÊNCIA: REVISITANDO CONCEITOS**

Sugestivo, o próprio título deste artigo traz, propositalmente, a problemática que norteia as ideias de teoria opostas à prática: a abstração, ou seja, as falas corriqueiramente reproduzidas, tais como “na prática é diferente”. Complexificar e entender as origens e equívocos presentes nessa síntese, faz-se necessário para a compreensão do conceito de teoria.

Pereira (1992) ao tratar da etimologia do termo aponta que os significados comuns entorno da palavra trazem o sentido de “contemplação abstrata”. Assim sendo, assumir teoria em contraposição à prática é confundir o ato de teorizar com abstração. Ainda segundo Pereira (1992) teoria não é somente abstração, para ele ambas se parecem, mas não são a mesma coisa. A postura que se assume disso faz alimentar certo senso comum negativo que contrapõe teoria com a prática como excludentes.

Não sem conflitos é que dentro da necessidade de se compreender o mundo que a necessidade de compreender o turismo emerge, trazendo consigo convergências e controvérsias na sua constituição teórica. Pereira (1992) diz que “teorizar na concepção clássica passa a significar quase somente abstrair. É por isso que os dicionários em sua grande maioria apresentam como significado de teoria e contemplação [passiva]” (p. 13).

A contraposição de senso comum à ciência também não é assim tão simples. Para Alves (2000) é preciso tomar-se um cuidado com certa mitologia construída entorno de quem produz ciência. O cientista não pensa melhor, pensa em um contexto e com seus métodos. Assim, antes de discutir-se o que viria a ser o conhecimento científico, entende-se que “o senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver” (Alves, 2000, p. 21).

Chalmers (1993) identificara que nos tempos modernos a ciência passou a ser amplamente considerada, revestindo-se de um status e crença especial: “a atribuição do termo científico a alguma afirmação, linha de raciocínio ou peça de pesquisa é feita de um modo que pretende implicar algum tipo de mérito ou um tipo especial de confiabilidade” (Chalmers, 1993, p 18). Oliva (2010) aponta que “tem prevalecido a definição de conhecimento como crença verdadeira justificada” – conforme o paradigma científico-experimental positivista – e, no extremo oposto, há autores que concebem o conhecimento “como crença social legitimada” (p. 11).

Marconi e Lakatos (2010) apresentam quatro abordagens sobre o conhecimento: (a) popular, (b) filosófico, (c) religioso ou teleológico e (d) científico, onde o conhecimento filosófico preocupa-se com a reflexão e indagação acerca das coisas do mundo e o científico com estudos de relações de causa e efeito por meio de critérios metodológicos. Panosso Netto (2011) estabelece uma ligação entre filosofia e ciência afirmando que a “filosofia e produção de conhecimento científico sempre tiveram uma estreita ligação” (p. 33). Para Gastal (2004) a noção de ciência como ainda é postulada nasce com o iluminismo e consolida-se no século XIX.

A história da ciência traz à tona um conjunto de problemáticas na busca do que se entende por cientificidade de um conhecimento. Muito se discutiu no século XX sobre a formação científica de uma teoria. O que tornaria científico um conceito norteou a epistemologia de diferentes escolas do conhecimento no percurso da história das ciências. Para

Oliva (2010) “os debates travados ao longo do século XX deixaram claro que não há consenso em torno do que se deve considerar a essência da cientificidade” (p. 23).

Nesse mesmo sentido, pode-se observar nas afirmações de Nechar e Panosso Netto (2010) que “desde mediados del siglo XX en adelante, se han replanteado en forma crítica las bases epistemológicas de los métodos y de la misma ciencia” (p. 25-26). Ainda segundo os autores, as grandes correntes que se opuseram ao positivismo<sup>2</sup> são:

1. Husserl, fenomenología.
  2. Popper, racionalismo crítico o falsacionismo.
  3. Kunh, teoría de los paradigmas.
  4. Lakatos, falsacionismo sofisticado.
  5. Heidegger, hermenéutica.
  6. Feyerabend, anarquismo metodológico.
  7. Lévi-Strauss, estructuralismo.
  8. Bertalanffy e Luhmann, teoría de sistemas.
  9. Bunge, realismo científico.
- (Nechar e Panosso Netto, 2010, p. 25)

Toma-se como epistemologia, conforme apresentado por Panosso Netto (2011) (2014), de que a mesma se trata do estudo do conhecimento, e sua origem está no grego (episteme= conhecimento + logia= estudo). Nascida com a ciência moderna, o termo epistemologia viria a significar teoria da ciência. É recente seu uso no panorama acadêmico, tendo diversas abordagens em diferentes linhas de pensamento humano.

O turismo, diante dos questionamentos e das revisões pela qual o conhecimento científico passou, não iria abster-se desse contexto. Mais à frente, representando as correntes epistemológicas que romperam os antigos paradigmas do estudo do turismo e da ciência no geral, serão identificadas as principais propostas de análises do turismo.

Por fim, o entendimento de ciência deve se somar de um pensamento capaz de conceber e de compreender a ambivalência e a complexidade que se encontra no cerne da mesma (Morin, 1990). Assim, adota-se a percepção de ciência como campo que está designando um “espaço relativamente autônomo”, “microcosmos dotado de suas leis próprias”, conforme a acepção de Bourdieu (2004, p. 20) que ao dissertar a respeito dos usos sociais das ciências, define o campo científico como “um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc.” (Bourdieu, 2004, p. 21).

---

<sup>2</sup> As proposições da ciência positivista se destacam pela ideia de que o conhecimento pode ser verificável e confirmado pela possibilidade de se colher evidências em quantidade suficiente para que possam ser definidas como verdades provadas (Oliva, 2010).

### 3. AS NOÇÕES DE TURISMO ENTRE DILEMAS E DICOTOMIAS: ONDE SE INSERE A TEORIA DO FENÔMENO?

O ponto de partida para o entendimento das noções de turismo perpassa o entendimento de que suas definições não se limitam a produção acadêmica e escolas científicas. As ideias entorno do mesmo são formadas por um conjunto de fatores que envolvem reflexões sobre viagem, viajante e turista, principalmente. São, também, produzidas por órgãos públicos, mercado turístico e sociedade em geral, além de trazerem em seu bojo noções do senso comum e de comunidades receptoras dos destinos por vezes negligenciadas.

Barreto (2005) em seu Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo, dedica um capítulo a discussão das definições do turismo e a autora levanta, pelo menos, 18 distintas definições que se complementam e se diferenciam em alguns aspectos. Segundo a autora a “grande quantidade de definições de turismo existente evidencia a diversidade de referenciais teóricos com que o turismo é abordado, seja quando considerado prática social, seja como área do conhecimento” (Barreto, 2005, p. 15). Essa profusão de conceitos demonstram a importância do turismo, a necessidade de sua compreensão e permite identificar polos de explicação do turismo, compreendidos e plenos de sentido nos contextos em que emergem.

Leiper (1979) classificou as definições de turismo em 3 grupos, os quais partiriam das definições econômicas, definições técnicas a definições holísticas. Jafari (2005), por sua vez, apresenta-as em 5 plataformas, sendo elas a plataforma de defesa, advertência, adaptação, conhecimento e a de interesse público. Panosso Netto (2010), frente às muitas perspectivas de conceitos e ideias acerca do turismo, organiza-as e adota três visões distintas, são elas a visão leiga, visão empresarial e visão acadêmico-científica.

Discutir sobre as noções de turismo difundidas implica em entender as dimensões que estão envolvidas na concepção do órgão máximo de turismo no mundo, a Organização Mundial do Turismo (OMT). Uma das características da definição que o órgão sustenta, e consequentemente difunde na sociedade principalmente nos setores empresariais, é a sua abordagem positivista de caráter essencialmente econômico e estatístico.<sup>3</sup>

Segundo Nogueiro (2010):

---

<sup>3</sup> A discussão sobre a definição e conceitos envolvidos na concepção de turismo da OMT e suas implicações podem ser encontradas em: Nogueiro, F. T. (2010). El concepto de turismo según la OMT. In: Nechar, M. C., Panosso Netto, A. (2010). Epistemología del turismo: estudios Críticos. México: Trillas, p. 174-2010.

La OMT ha expresado en distintos momentos y desde múltiples ópticas, concepciones parciales del turismo a través de numerosos documentos. Algunos de estos resultan fundamentales para la construcción de una teoría general. Pero, quizás los más estimadas por el público son los de índole económica y, en particular, Recomendaciones sobre el Sistema de Estadísticas de Turismo, de 1993, y los varios títulos sobre la Cuenta Satélite del Turismo, que se han editado desde el año 2000, reformando siempre algo del anterior. (p. 174).

O debate sobre o turismo também é feito entre dilemas na academia. Segundo Panosso Netto e Lohmann (2012) são três correntes frente ao tema da “ciência” do turismo.

A primeira diz que o turismo não é uma ciência, mas está trilhando o caminho para tornar-se uma, pois está passando pelas mesmas fases de outras ciências que surgiram no final do século XX, como a antropologia e etnografia. A segunda corrente diz que o turismo não é e nunca será uma ciência, pois se constitui apenas de uma atividade humana, e é auxiliado pelas ciências em seus estudos. A argumentação deste grupo diz que os estudos turísticos não possuem um objeto de pesquisa claro e definido nem um método de estudo particular, o que o inviabiliza de se tornar uma ciência. O terceiro grupo de pesquisadores dizem que o turismo é uma ciência por possuir um corpo teórico maduro e relativamente grande; todavia, esses pesquisadores ainda não conseguiram comprovar esta afirmação por meio de seus estudos. (Panosso Netto e Lohmann, 2012, p. 23).

Sobre as questões de campo científico e área de conhecimento, Chalmers (1993), em uma postura crítica, discute que não se precisa de “uma categoria geral ‘ciência’ em relação à qual área do conhecimento pode ser aclamada como ciência ou difamada como sendo não ciência” (p. 210).

Mas será de fato essas distinções e noções – entre mercado, academia e governos – tão insuperáveis e antagônicas? Em que ponto se complementam e se forma uma unidade entre teoria e prática?

Segundo Moesch (2013):

A implicação epistemológica para a construção de uma teoria do turismo, sob uma concepção interdisciplinar, requer a superação de paradigmas fossilizados em muitos discursos acadêmicos, institucionais e profissionais. Revisitar as teorias do turismo a partir das novas práticas sociais deste fenômeno não é compromisso exclusivo dos pesquisadores e educadores dos cursos da área, no Brasil. Essa preocupação epistemológica deve recair, também, sobre consultores e políticos que atuam no setor... (p. 10).

A teoria precisa ser compreendida para além um sentido contemplativo desvinculado da realidade. Por outro lado, a prática também é “(...) pressuposto básico ou fundamento da teoria, ela não pode ser entendida separadamente da teoria. Senão seria ação animalizada e não ação humana (...)” (Pereira, 1992, p. 74). Semelhante aos adeptos da perspectiva crítica do turismo, Pereira (1992) defende que a unidade se dá nas “práxis”, a qual define como: “ação com sentido humano. É ação projetada, refletida, consciente, transformadora do natural, do humano e do social” (p. 77). Como se comporta o turismo e como se é pensado e se produz o conhecimento sobre o mesmo são questões que têm direcionamentos a aspectos distintos da compreensão do turismo enquanto atividade ou ciência, mas, o comportar-se e o conhecer turístico estão em simbiose e exercem influências mútuas.

Rejowski (2015) em uma discussão preliminar sobre as teorizações do turismo propõe um “alinhamento comercial, político, econômico e científico para o desenvolvimento sustentável e a aceitação de uma ciência de valores” (p. 3). O adendo que se faz é que esse alinhamento não deve restringir-se aos grupos de poder uma vez que impacta grupos minoritários de comunidades envolvidas na prática e pensamento do turismo.

Assim, diante do conjunto de teorizações e noções que incidem sobre um elemento social que é o turismo, entende-se, numa perspectiva crítica que a compreensão do fenômeno diz menos respeito à polos e concentrações, ainda que os mesmos sejam latentes, mas sim à um caminho reflexivo integrado que permita entender as pluralidades na produção de conhecimentos e projete uma ação consciente do turismo na sociedade. A teoria não se insere, portanto, na dicotomia, mas na superação dos opostos ‘insuperáveis’.

#### **4. “DO E SOBRE” O TURISMO: ABORDAGENS DO POSITIVISMO À PROPOSTA CRÍTICA**

A palavra “do” é formada etimologicamente pela fusão dos vocativos “de” + “o”. Seu significado no dicionário apresenta-se em dois pontos: (1) fusão da preposição “de” com o artigo definido “o” e (2) fusão da preposição “de” com o pronome demonstrativo “o; daquele,

daquilo”<sup>4</sup>. Ou seja, seu uso implica em dizer algo que seja daquilo, que o defina não como “Um” (artigo indefinido), mas como “O” (artigo definido e demonstrativo). Uma “Teoria do Turismo” pelo emprego de “do”, seria a teoria que versa sobre aquilo que se define e se demonstra do turismo.

A palavra “sobre”, por sua vez, é encontrada como preposição. Empregada, indica muitos sentidos de uso, os que aqui importam são: (1) expressa a ideia de ter algo como base ou fundamento e (2) expressa acerca de, a respeito de, relativamente a<sup>5</sup>. Seu uso como “Teoria sobre o Turismo”, faz-se entender como uma teoria que fundamenta e fale acerca do que seja o turismo.

O uso da primeira colocação faz-se entender o fenômeno como substantivo precedido de artigo definido e demonstrativo, sendo, portanto, a “teoria do turismo” a explicação teórica sobre algo posto, consolidado e resolvido. A segunda colocação, quando empregada, tira do turismo a substantivação que se resolve em si mesmo e coloca na “teoria” a base consolidada na expressão. A “teoria sobre o turismo”, denota que o campo da “teoria” é claro e plenamente compreendido, de modo que seja possível versar a partir dela acerca de outro substantivo [o turismo]. O que se percebe, por sua vez, é que tanto o turismo como a teoria são campos questionáveis e pouco resolvidos a ponto de serem colocados como expressões cabalmente assimiladas. Partindo desse entendimento, que vem a discutir-se acerca das explicações, abordagens e propostas identificadas que dissertaram a caminho da teoria e entendimento do turismo.

Santos (2007) identificara os modelos teóricos aplicados ao turismo e organizou-os em dois grupos, o de enfoque espacial (Fúster, Marriot, Palhares, Lundgren, Pearce e Leiper) e de enfoque sistêmico (Inakeep, Goeldner, Moscando, Hall e Beni). Ainda que com as ressalvas das críticas que recaem sobre os modelos Santos (2007) defende que:

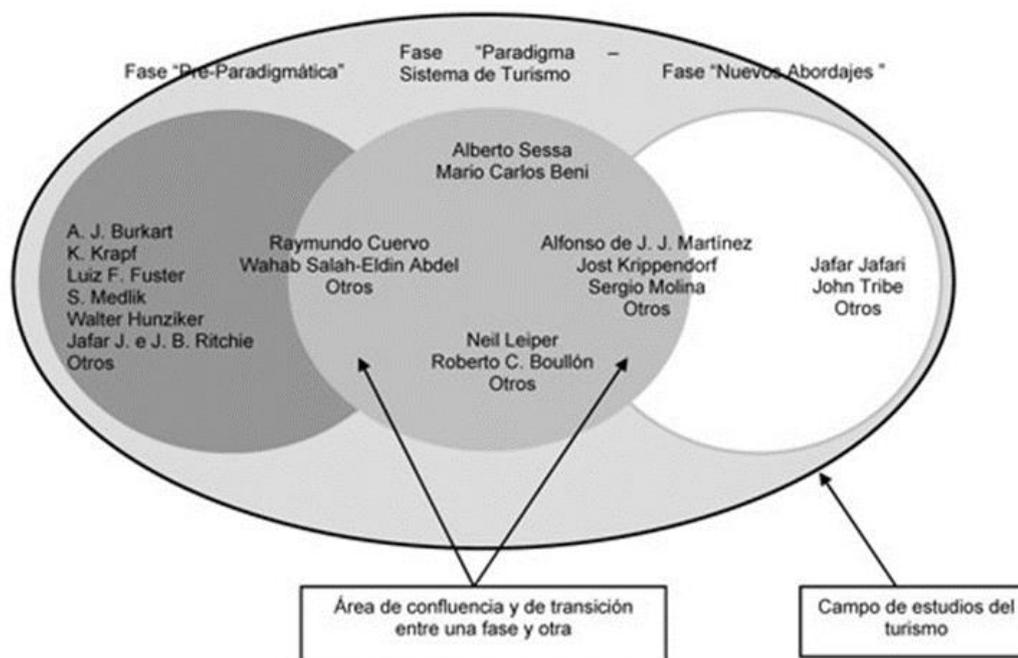
Los modelos teóricos, ya sean espaciales o estructurales, contribuyen significativamente a la comprensión del fenómeno turístico lo que a su vez permite que las estructuras lógicas ayudan a la gestión de destinos y empresas turísticas. Las principales cualidades de los modelos teóricos expuestos son la consistencia teórica, la capacidad de englobar y la fácil comprensión. (p. 109).

---

<sup>4</sup> A consulta da etimologia e significado das palavras podem ser consultadas na versão online do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (Michaelis) da Editora Melhoramentos Ltda. Recuperado em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>.

<sup>5</sup> *Idem*.

Inspirada nos estudos de Panosso Netto (2009, 2011, 2012), Rejowski (2015) organiza as fases do estudo turístico apresentando-as em (a) plataformas de estudo e outras abordagens, (b) fases paradigmáticas subdivididas em pré-paradigmática, teoria dos sistemas, transição e novas abordagens e (c) releituras do paradigma sistêmico e novas proposições. Segundo a autora “os modelos teóricos divergem e convergem, em uma dinâmica de evolução do conhecimento para novas configurações que possam explicar o turismo na contemporaneidade” (Rejowski, 2015, p. 6-7).



Fuente: Panosso Netto 2005

Figura 1: Fases teóricas propostas por Panosso Netto (2005) reiteradas por Miriam Rejowski (2015).

A seguir estão listados os autores e suas principais propostas, modelos e abordagens teóricas do turismo<sup>6</sup>:

- Walter Hunziker e Kurt Krapf (1942): Primeiras teorias;
- Raymundo Cuervo (1967): El turismo como medio de comunicación humana (Sistema de Turismo de Cuervo);

<sup>6</sup> A lista de autores, abordagens e propostas de estudo do turismo estão organizadas nos livros *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia* (2011) e *Teoria do Turismo: conceito, modelos e sistemas* (2012), ambos do autor Alexandre Panosso Netto. Para um entendimento mais completo das abordagens sugere-se tais leituras.

- Luís Fernandez Fuster (década de 1970): Teoria y técnica del turismo (compila as principais abordagens do turismo);
- Salah-Eldin Abdel Wahab (1977): Modelo referencial de sistema;
- Alberto Sessa (1980-1990): Abordagem sistêmica para o turismo;
- Jafar Jafari e Brent Ritchie (1981): Modelo de produção do conhecimento em turismo;
- Jost Krippendorf (1989): Modelo existencial na sociedade industrial;
- Mário Carlos Beni (década de 1990): Modelo referencial do turismo – Sistor;
- Neil Leiper (1995): Sistema Turístico;
- Jafar Jafari (1995): Tratamento holístico do turismo, modelo do aparato turístico e modelo turístico;
- Donald Getz (1996): Organização e divisão do turismo em modelos teóricos, processos de planejamento e gerenciamento, modelos de previsão;
- Sergio Molina (1997): O Pós-turismo;
- Jonh Tribe (1997): Criação do conhecimento em turismo;
- Roberto C. Boullón (2002): Classificação das atividades produtivas – Teoria do Espaço Turístico;
- Alfonso de Jesús Jiménez Martínez (2004): postulados de reformulação do sistema de Leiper;
- Marcelino Castillo Nechar: Epistemologia crítica.

Ainda que não respondam as principais perguntas sobre os fundamentos do turismo, é perceptível a difusão das mesmas no meio acadêmico. No Brasil destaca-se o Sistema Turístico (Sistor) de Mario Beni, proposta consagrada na academia e incorporado em políticas do governo no país. Beni em sua obra clássica intitulada *Análise Estrutural do Turismo*, propõe uma representação sistêmica para o turismo com base em representações estruturantes que interagem entre si. Uma obra de engenharia que não por acaso revela a formação de seu autor. Apesar das ressalvas possíveis na representação estruturante de Beni, o modelo e sua interação de sistemas consideram a complexidade e comportamento de diferentes agentes representado no conjunto de relações, demonstrando certa influência e simbiose de ambos no funcionamento turístico. Independente da separação dos conjuntos – que porventura podem expressar um cunho metodológico e visual –, a leitura do Sistor demonstra o encontro e conexão da tríade de relações ambientais, estruturantes e operacionais propostas pelo autor.

No âmbito internacional, destaca-se o Sistema Turístico de Neil Leiper que trabalha com regiões geradoras e de destino do turismo localizando a indústria turística no intermédio do fluxo de turistas; o de Jost Krippendorff que critica o turismo e o sistema de produção trabalho-moradia-lazer; o modelo de produção do conhecimento em turismo de Jafar Jafari que aborda o campo de estudo do turismo através de departamentos; e também reconhecidas as proposições de Jonh Tribe que desenvolve as noções de campo do turismo por aspectos comerciais e aspectos não comerciais, entendidos por disciplinas e subdivisões disciplinares.

As contribuições dessas propostas são inúmeras, independente se sejam refutadas ou criticadas, as mesmas permitem identificar que a preocupação e as buscas pela construção científica do turismo são relevantes e de suma importância para o campo. Contudo, ao analisá-las, observa-se que não há uma teoria que tenha se difundido, encerrado e se estabilizado como a “Teoria do/sobre Turismo” em seu sentido pleno. Panosso Netto e Trigo (2009) concordam nesse pensamento ao relatarem que não existe uma teoria geral, mas antes

...“abordagens teóricas com bases na filosofia, sociologia, economia, etc., que tentaram explicar o fenômeno, mas que ainda não conseguiram responder às principais questões sobre os fundamentos epistêmicos do turismo, e que também não chegaram a um consenso entre os estudiosos. (p. 171).

Diante desse cenário, as mais recentes correntes e propostas para o avanço nas investigações em turismo estão pautadas no criticismo, representados pelos autores Alexandre Panosso Netto, Marcelino Castillo Nechar, Félix Tomillo Noguero, Margret Jager, entre outros. A proposta desse grupo é uma visão crítica do turismo que supere os conflitos razão-experiência, propondo estudos detalhados e meticulosos do conhecimento percebendo o binômio sujeito-objeto como um problema conjunto (Panosso Netto e Trigo, 2009).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, assim como as ideias do senso comum negativo e atribuições equivocadas ao sentido de teoria e ciência, insere-se a teoria do turismo que ainda não conseguira ampliar-se com propriedade para além de noções conflitantes. Assumir a contradição pode ser o caminho de se alcançar a tão almejada unidade na compreensão do conhecimento turístico, e não a falsa uniformidade que muitas teorizações e explicações tecnicistas tenderam a expressar sobre o fenômeno. “Sem assumir a contradição como vetor da

“fusão entre uma coisa e outra nós não conseguiremos escapar ao formalismo do pensamento” (Pereira, 1992, p.24).

O turismo também não está só, ou seja, outros campos de estudos passam ou já passaram por questionamentos epistemológicos até constituir-se como campo científico. São exemplos as ciências sociais do século XX (antropologia, etnologia como usadas por alguns autores para justificar o futuro da ciência do turismo) e a teoria do lazer que ainda é objeto de diferentes abordagens científicas e filosóficas, embora não exista a rigor uma teoria do lazer (Pimentel, 2010).

Não coube somente ao turismo as consequências da ciência clássica que reduzia o conhecimento ao manipulável, muitas áreas do conhecimento visivelmente tiveram suas interpretações vinculadas à essa linha de pensamento. O conhecimento discutido, refletido e incorporado à experiência do homem é um caminho de proposições da complexidade do saber recente na história da humanidade.

A ciência do turismo, portanto, não estará ligada a compreensões da sociedade e impactos do fenômeno e técnicas de gestão de empreendimentos de negócios turísticos de forma estanque e fragmentadas. É preciso considerar-se que uma disciplina científica surge como uma maneira de se considerar o mundo estruturada em contextos que ressoam as condições sociais de sua época. Para além das contradições, o rompimento com os grupos de poderes, a disseminação da produção científica, a linguagem e o diálogo profundo pode traçar perspectivas mais claras e efetivas para a constituição do turismo como uma ciência.

Outro ponto fundamental é a consideração de falsos objetos empíricos, ou seja, a constituição de ciência do turismo não se dá por objetos de estudo supostamente dados, se assim fosse as noções de turista e viagem já teriam sanado esse aspecto e o turismo seria a ciência do “turista” ou da “viagem”. A formação de uma disciplina científica não está condicionada pelo seu objeto, antes por seu objetivo e condições epistemológicas discutidas.

Mais recentemente, estudos críticos têm levantando as contradições e aflorando os conflitos que há na construção epistemológica do turismo como ciência, buscando ressignificações que não negue o conhecimento produzido, mas que conflua a proposições profundas com vistas à formulação científica do turismo. Parece óbvio que o turismo não se formou nos consensos – produzido de comum acordo entre os seus grupos de interesse –, mas não é nos dissensos, expressado pelos desentendimentos entre setores e discordâncias entre

limites e abordagens do turismo que viria a residir a base de sua essência. É na multiplicidade do tecido social que se constrói a complexidade do turismo.

Por fim, em resposta ao problemática que norteou o conjunto das reflexões aqui propostas que tratou da indagação sobre a existência de uma teoria do turismo, considera-se que não há uma “teoria” única e que expresse alguma unidade que fundamente e defina o turismo. Identifica-se propostas de análises e teorização que ainda não atingiram um consenso e consciência do turismo como prática e como campo científico a ponto de se considerar “do/sobre” o turismo.

## 6. REFERÊNCIAS

- Alves, R. (2000). *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Barretto, M. (2003). *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus.
- Beni, M. C. (1998). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac/SP.
- Boni, V.; Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol. 2 n° 1 (3), 68-80. Recuperado de <http://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/download/9898/7245>
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Chamelrs, A. F. (1993). *O que é ciência afinal?* São Paulo, SP: Ed. Brasiliense.
- Gastal, S. (2004). *Da pratica à teoria: pensando o turismo*. In.: Marutschka, M., Gastal, S. Um outro turismo é possível. São Paulo: Contexto.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, SP: Atlas.
- Jafari, J. (2005). *El turismo como disciplina científica*. *Política y Sociedad*, Vol. 42 Núm. 1: 39-56.
- Jafari, J. (1994). *La cientifización del turismo*. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. Buenos Aires: CIET, v. 3, n. 1, 7-36.
- Lohmann, G., Panosso Netto, A. (2012). *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. 2. ed. São Paulo, SP: Aleph.



- Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas.
- Moesch, M. (2013). O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. *Cenário*, v.1, n.1, 8–28. Recuperado de <http://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/download/9898/7245>
- Morin, E. (1990). *Ciência com consciência*. 2. ed. Portugal: Publicações Europa-América.
- Nechar, M. C., Panosso Netto, A. (2010). *Implicaciones epistemológicas en la construcción del conocimiento del turismo*. In: Nechar, M. C., Panosso Netto, A. *Epistemología del turismo: estudios Críticos*. México: Trillas, p.15-40.
- Noguerro, F. T. (2010). *El concepto de turismo según la OMT*. In: Nechar, M. C., Panosso Netto, A. (2010). *Epistemología del turismo: estudios Críticos*. México: Trillas.
- Oliva, A. (2011). *Filosofia da ciência*. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora.
- Panosso Neto, A. (2010). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. 2. ed. São Paulo, SP: Aleph.
- Panosso Netto, A., Jäger, M. (2015). *Robert Glücksmann (1877-1942): founder of Berlin School of Tourism Research*. *Anatolia*, v. 27, 1-10.
- Panosso Netto, A., Nechar, M. C. (2014). *Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica*. In: Panosso Netto, A., Nechar, M. C. (2016). *Turismo: perspectiva crítica: textos reunidos*. Assis, SP: Triunfal Gráfica e Editora.
- Panosso Netto, A. (2010). *O que é turismo*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Panosso Netto, A., Trigo, L. G. G. (2009). *Cenários do turismo brasileiro*. São Paulo, SP: Aleph.
- Pereira, O. (1992). *O que é teoria*. 8. ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Pimentel, G. G. A. (2010). *Teorias do lazer*. Maringá: Eduem.
- Rejowski, M. (2015). *Teorizações do turismo em direção a novas abordagens: uma discussão preliminar*. In *Anais...* São Paulo: ANPTUR. Recuperado de <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002740347.pdf>.
- Santos, G. E. O. (2007). *Modelos teóricos aplicados al turismo*. Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos, Argentina: *Estudios y Perspectivas en Turismo*, vol. 16, núm. 1, marzo, p. 96-108. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180713890005>.



**Revista Ateliê do Turismo.** (ISSN: 2594-8407)  
Campo Grande, v. 1, n. 2. p. 1-16, jul-dez 2018.



- Trigo, L. G.G. (2013). *A viagem: caminho e experiência*. São Paulo, SP: Aleph.
- Veal, A.J. (2011). *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*. São Paulo: Aleph.